

EXPOSIÇÃO

O mundo de Alberto Carneiro cabe numa cerejeira

Entrevista ao escultor que inaugurou exposição em Serralves, no Porto.

Anabela Mota Ribeiro

9 de Junho de 2013, 9:28



Alberto Carneiro é escultor. Nasceu em 1937 numa aldeia perto da Trofa. Mesmo quando percorreu o mundo, nunca saiu de São Mamede de Coronado. Foi santeiro, inventou um mundo, reencontrou-se com o seu. Inaugurou recentemente Arte Vida/Vida Arte no Museu de Serralves (Porto) e Meu Corpo Vegetal, no Teatro da Politécnica dos Artistas Unidos (Lisboa). No corpo de uma árvore, podemos seguir o trajecto da sua vida.

Leia os artigos que quiser, até ao fim.



Com uma assinatura PÚBLICO tem acesso ilimitado a todos os conteúdos e cancela quando quiser.

Saiba mais (<https://www.publico.pt/assinaturas?trackingId=966fafdea1de52c3ffa52df86c407a793fea452293327cf2a1>)

No fim da entrevista, regressaria a São Mamede de Coronado, onde vive. É lá que fica tudo o que lhe é essencial. Foi lá que tudo começou. Na véspera tinha inaugurado uma exposição em Lisboa. A debilidade física era evidente, mas o que exhibia era uma atitude voraz em relação ao mundo.

"Cada obra de Alberto Carneiro pressupõe o facto de uma nova forma de arte ser também uma nova forma de vida (...). Os materiais da [sua] escultura provêm da natureza e será na natureza que se reencontram com a sua condição de arquétipos", escreveu João Fernandes no catálogo da exposição, que pode ser vista no Museu de Serralves até 24 de Junho. O escultor pretendia fazer uma exposição-manifesto. Tinha coisas para dizer. Tem coisas para fazer. Montou a exposição numa cadeira de rodas. O que não perdeu, mesmo na cama de hospital: o prazer de riscar, desenhar, fazer mundo.

Recuperou, apesar do andar titubeante e da magreza. Anseia pelo momento em que possa, de novo, usar a electrosserra. Tem ainda uma cara de menino, sobretudo quando sorri.

Vamos à cerejeira da sua infância?

Era a única árvore que havia no quintal. Um quintal muito pequenino. Uma grande cerejeira, com muitos anos. Construí a minha casa na cerejeira. Com a ajuda do meu pai. Era o meu refúgio. Sair para cima da cerejeira. Anos mais tarde, o meu pai decidiu cortá-la, já eu era adulto. Transformei-a numa escultura.

Era a mesma árvore, a mesma noção de casa, mas eram diferentes maneiras de se encaixar nela.

Pois. Relaciono a casa da cerejeira (o lugar onde passava o meu tempo) com a escultura, não separando as duas coisas. No dia 12 de Dezembro de 1968, eu estava em Londres, tive a consciência de que não havia separação entre a vida, o meu quotidiano, a essência dele, e o meu trabalho. Tomo a decisão de ir à minha experiência de vida, fazendo uma prospecção dentro do meu mundo infantil e da minha relação com a natureza. A cerejeira está lá como lugar, como memória, como qualquer coisa que não se perdeu e que se mantém na escultura.

Como foi esse dia 12 de Dezembro de 1968? Fala dele como se fosse uma epifania.

Os dados da minha reflexão mudaram. Correspondia a encontrar algo que fosse mais autêntico. Que pertencesse mais à minha vida. Que decorresse da minha experiência. Quando cheguei a Londres, não estava satisfeito.

Insatisfação é uma boa palavra para si?

É. É a partir da insatisfação, da inquietação - inquietação é mais correcto - que chego ao questionamento. Creio (não posso afirmar em absoluto) que sou antiacadémico. Tenho uma reserva muito grande relativamente aos meus reflexos condicionados.

O seu trabalho, a sua busca, é no sentido de encontrar o que está antes da convenção, do condicionado, do académico. Voltemos à cerejeira. Pode descrevê-la?

A cerejeira física? Era uma árvore frondosa, que dava frutos maravilhosos. Subia à árvore, andava pelos galhos, felizmente nunca caí. Como não tinha grande peso, chegava aos ramos mais compridos. O tronco era relativamente rugoso, como são os das cerejeiras.

Se me apresentasse a cerejeira, como se apresenta uma pessoa, diria o quê? Sólida, sonhadora, ativa?

As árvores têm uma personalidade. Tenho uma relação visceral com elas. Diria que era uma árvore elegante. Mais feminina do que masculina. As formas eram redondas, suaves. Apelava ao tacto. Casca rugosa e macia, pouco acidentada. Os acidentes provocam sensações.

Como é que é o interior? Como é que é a madeira da cerejeira?

Tem uma estrutura de veios, como todas as árvores, mas diferente da do carvalho, por exemplo. Tem uma cor rosada, que se vai acentuando com o envelhecimento.

Se tudo está lá atrás, e o que procura é um encontro com esses sedimentos da infância, queria que me dissesse como era o lugar onde nasceu.

Oh, a minha infância foi particular. Era filho único. O que seria o meu irmão mais velho morreu antes de eu ter nascido. A outra irmã nasceu quando eu tinha seis ou sete anos. Morreu também um ano depois. Na altura morria-se muito. O cemitério da freguesia tinha a chamada zona dos anjinhos. Hoje já não tem. Hoje as crianças raramente morrem. É nesse cemitério que estão sepultados os meus pais, os meus amigos.

Os meus pais tinham uma situação muito humilde. A minha mãe era peixeira e o meu pai era surrador.

O que faz um surrador?

Surrador é aquele que trabalha numa fábrica de curtumes. Tratava das peles. Surrava as peles. É um modo de limpar. Ganhavam pouco. Eu tinha uma vida modesta. Mas tinha um território imenso de liberdade.

A aldeia toda?

A aldeia toda. Em casa não havia dinheiro para brinquedos, tinha de inventar os meus brinquedos. Com a terra, os pauzinhos, folhas. Era um gesto solitário de invenção do brinquedo.

Desenhava muito na terra com pauzinhos? O riscar é um gesto infantil.

Desenhava. Tenho memória de mim a fazer esse movimento, a inventar formas, a fazer estruturas com bocados de árvores. Ao fundo do vale havia um ribeiro (hoje passa lá uma auto-estrada, desviou o ribeiro). No ribeiro eu podia recolher a terra húmida, para a modelar melhor. Passava horas neste deambular.

Não mencionou as pedras. Por que é que as pedras, ao contrário das folhas, pauzinhos, bocados de árvores, que virão a ser os seus elementos escultóricos